



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE - FACHS
CURSO DE PSICOLOGIA

**ADOLESCÊNCIA, MÍDIAS E PSICANÁLISE:
PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS NACIONAIS DE 2008 À 2013**

Regiane da Silva Santos Queiroz

São Paulo - 2014



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE - FACHS
CURSO DE PSICOLOGIA

**ADOLESCÊNCIA, MÍDIAS E PSICANÁLISE:
PUBLICAÇÕES CIENTÍFICAS NACIONAIS DE 2008 À 2013**

Regiane da Silva Santos Queiroz

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para graduação no curso
de Psicologia, sob orientação da Prof.^a
Dra. Maria Thereza de Alencar Lima.

São Paulo – 2014

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela minha vida,

Aos meus pais Carlos e Elizabete, que sempre acreditaram em mim e fizeram de tudo (até o impossível) para que eu seguisse em frente com o meu sonho,

À minha irmã Raquel por todo apoio e inspiração,

Ao meu noivo Marcelo, que sempre esteve ao meu lado e sendo sempre muito compreensivo,

Aos meus avós, que constantemente declaravam o orgulho da neta psicóloga,

À todos os familiares que me acompanharam ao longo de minha formação, bem como os amigos que me incentivaram e torceram por mim.

Agradeço, também, a minha orientadora Teca por todos os ensinamentos, carinho e por ter despertado em mim o gosto pela pesquisa científica,

E a todo o corpo docente que participou da minha graduação e que construiu comigo a profissional que hoje me torno.

RESUMO

Sabendo da importância dos meios de comunicação como transformadores da sociedade e no processo de construção da subjetividade humana, juntamente com a crescente utilização de seus veículos pela população adolescente, buscou-se investigar como se dá a relação entre adolescência e mídias na contemporaneidade. Para isso, foram selecionadas pesquisas científicas nacionais publicadas no período de 2008 à 2013, cuja fundamentação teórica estivesse apoiada na Psicanálise. As bases utilizadas foram Pepsic, Lilacs, Portal Capes e Scholar, para as quais se utilizou de sete combinações de palavras-chaves para as consultas. Após os refinamentos, chegou-se ao total de sete estudos que contemplavam principalmente a internet enquanto foco de investigação, seguida pela mídia impressa, mais focada por pesquisadores da área de Comunicação. A partir dos resultados, concluiu-se, então, que a sociedade atual está marcada pela espetacularização da vida íntima e que as mídias contribuem para a propagação de imagens que afetam a psique do adolescente, sedento por modelos de identificações, padronizando seus discursos, manipulando seus desejos em prol da manutenção da lógica capitalista de consumo. As mídias, além de serem meios promotores de encontros, relacionamentos e conhecimento, espaços onde a variedade e a subjetividade podem se expressar, carregam um potencial amplamente explorado pelos adolescentes hoje que é de transformar o próprio jovem em um objeto de consumo.

Palavras-chave: adolescência; mídias; Psicanálise.

SUMÁRIO

Introdução.....	5
Método.....	9
Resultados.....	11
Análise dos Resultados.....	25
Discussão.....	31
Referências.....	35
Anexo.....	37

INTRODUÇÃO

Diante da configuração atual da sociedade, pautada na valorização da imagem e na constituição de laços sociais mediados pela mídia eletrônica, que também se utiliza do poder das imagens, e tendo em vista o avanço da indústria de comunicação, há que se compreender como se dá a relação entre a mídia, um meio de comunicação de massa de grande potência, e a sociedade - mais precisamente o adolescente, principal foco de muitas das agências midiáticas.

Em sua pesquisa sobre as concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva através de programas destinados a esse público, Gonçalves (2003) aponta para as mediações como importantes no processo de produção de sentidos e apropriação dos significados sociais, isto é, na construção de uma identidade. As mediações seriam, portanto, as relações sociais que estabelecemos, a linguagem e a ideologia.

A autora explicita essa ideia afirmando que

[...] o predomínio de uma determinada visão de adolescência no meio social implica o predomínio de determinados significados sociais relativos a esse campo. E implica também em que o jovem, predominantemente, aproprie-se desses significados para representar a sua particular experiência de adolescência. (p.43)

A pesquisa de Gonçalves apresenta elementos sobre esse tema que também têm sido apontados por outros autores, como Vitelli (2009), quando nos diz que há uma diversidade de identidades na sociedade, sendo que estas representam as imagens e comportamentos veiculados pela mídia a favor de uma sociedade do consumo. Ou seja, ainda que a sociedade atual possa apresentar um leque variado de identificações oferecendo aos jovens diversas possibilidades de ser no mundo, estas dizem respeito ao momento vivenciado hoje, refletem um mesmo padrão: o do consumo. Esses padrões ou modelos de identificação estão fortemente presentes nos meios de comunicação, que fazem circular os valores dominantes aos quais aderimos consciente ou inconscientemente.

Com a diluição e desvalorização da figura paterna na sociedade contemporânea, outros modelos identificatórios passaram a ganhar maior destaque na vida dos adolescentes. Os meios de comunicação de massa têm exercido essa papel de pólo de identificação, assim como as relações horizontais são mais enfatizadas nessa etapa do desenvolvimento. Nesse processo de constituição de uma identidade, o adolescente procura, portanto, aproximar-se de seus ídolos (artistas, pensadores, líderes políticos por exemplo), ainda que estes só sejam acessíveis inconscientemente (PALADINO, 2005).

Levisky (1995) reforça essa colocação ao afirmar que:

O adolescente está à procura de sua identidade adulta. Busca novos modelos de identificação, e as possibilidades de fazê-lo numa sociedade urbana, industrializada, são relativamente ilimitadas. São infundáveis as alternativas que existem diante de si, por meio de seus colegas de escola, dos grupos a que pertence, do seu professor, técnico de esportes, um artista, um ídolo político ou religioso. (p.30)

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano construída ao longo da nossa história, modificando-se de acordo com a sociedade vigente. Sendo um constructo, não deve ser a adolescência compreendida como uma etapa natural pela qual passamos em determinado momento da vida, não é algo estável. Cada civilização atribui um significado social para essa fase de acordo com sua cultura e tradições. Sendo assim, podemos falar em adolescências, tanto no sentido histórico do termo (que requer sua contextualização), como no reconhecimento das idiossincrasias envolvidas nesse processo de transformação de um estágio infantil para a vida adulta. Contudo, existe uma característica em particular que marca essa etapa da vida e que independe do contexto sociocultural: o fato de ser um período de crises e desequilíbrios. (LEVISKY, 1995)

Durante a adolescência, muitas mudanças vão acontecendo, desde alterações hormonais, com a entrada na puberdade e as decorrentes transformações do corpo adolescente, até modificações nas relações interpessoais, com maior valorização dos pares em detrimento da verticalidade da relação pais-filhos. A puberdade é geralmente compreendida como decorrente de transformações biológicas e a

adolescência como um fenômeno psicossocial (LEVISKY, 1995). Nessa fase, segundo Erikson (1971), ocorre a busca por identificações através de uma integração egóica das experimentações de papéis e valores, uma definição de sua personalidade:

É uma mente [a do adolescente] ideológica e, de fato, é a visão ideológica de uma sociedade a que afeta mais claramente o adolescente ansioso por se afirmar perante seus iguais e que está preparado para se ver confirmado pelos rituais, credos e programas que definem ao mesmo tempo o que é mau, fantástico e hostil. (p.242)

De acordo com Levisky (1999), a adolescência também deve ser compreendida como um período da vida altamente vulnerável às influências dos fenômenos sociais devido a uma instabilidade egóica, propiciando a incorporação de valores presentes na sociedade.

A mídia é reconhecidamente um agente transformador na sociedade (FISCHER, 1996; PALADINO, 2005), sendo a televisão o equipamento de comunicação mais difundido pela população, estando presente em quase 100% das residências dos adolescentes, além de ser um dos meios mais utilizados por esse público (RIZZINI et al., 2005). Mais recentemente, outro veículo midiático tem ganhado a preferência da população brasileira: a internet. De acordo com pesquisa realizada pelo IAB Brasil (2013), esse meio é considerado como o mais importante por 88% de seus entrevistados. Contudo, sabendo da importância desses meios no processo de construção da subjetividade humana, pouco tem se publicado a respeito disso. Miguel e Toneli (2007) fizeram um estudo bibliométrico, onde concluíram que a produção nacional sobre esse assunto (adolescência e mídias) era inferior à produção internacional em relação ao número de estudos, que já se demonstrava exíguo.

Nos primórdios da Psicanálise, os estudos relacionados à adolescência também recebiam pouca ênfase, principalmente se comparados às teorizações infantis. À época de Freud, a adolescência e a infância não estavam discriminadas com tantas singularidades como hoje. Sendo assim, Freud pouco se referiu a essa fase do desenvolvimento humano, ressaltando mais a questão da puberdade e do desenvolvimento da sexualidade. Contudo, de acordo com Miranda (2013), Freud deixa em sua obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* ideias para uma

formulação teórica sobre a adolescência, ainda que ele mesmo não tenha desenvolvido conceitos próprios para essa fase do desenvolvimento.

Já no período entre guerras, o tema adolescência recebeu maior destaque a partir da perspectiva educacional, fazendo com que os psicanalistas atentassem para os “adolescentes problemas” das escolas. Porém, até a década de 50 não havia uma teoria própria sobre o assunto, no sentido de investigar a constituição do mundo interior do adolescente, o que sente, pensa, etc. Trabalhava-se principalmente com a adolescência à partir do viés da psicopatologia, muitas vezes adaptando as ideias formuladas para a análise de adultos, assim como Freud fizera ao pensar a clínica infantil. (Miranda, 2013). Alguns nomes da Psicanálise chegaram a se destacar por suas contribuições a respeito da adolescência, como Anna Freud (1982), Peter Blos (1985), Arminda Aberastury (1988), Françoise Dolto (2004), bem como outros autores que tiveram grande influência teórica da Psicanálise, como Erik Erikson (1971), mas acabaram por se distanciar do pensamento freudiano.

Sabemos que hoje esse quadro é diferente. As questões teóricas e conceituais relacionadas à adolescência têm ocupado maior espaço na sociedade, aparecendo de forma corrente nos noticiários e os adolescentes nos consultórios psicológicos, por exemplo. Como afirmam Sadala e Garritano (2010), *“embora o conceito de adolescência não seja um conceito fundamental em psicanálise, sua temática vem ocupando um campo de reflexão teórica.”* (p. 341)

Sendo assim, o presente estudo parte dessa necessidade de identificar o que tem sido produzido atualmente pela ciência referente ao tema adolescência e mídias e quais problemáticas têm sido investigadas tendo em vista essa relação. Sobre este, será feito outro recorte, que coloca em foco as produções de linha psicanalítica, visto que, conforme descrito acima, este tema vem ganhando a atenção da Psicanálise contemporânea.

MÉTODO

Considerando o objetivo de investigar o que tem sido produzido pela ciência com relação ao tema adolescência e mídias nos últimos cinco anos, além de identificar como a adolescência tem sido conceituada pelos pesquisadores da atualidade e quais são os autores utilizados hoje como referência para os estudos que problematizam essa relação, estabeleceu-se os seguintes critérios de pesquisa para coleta de materiais: ser artigo científico nacional, publicado no período compreendido entre os anos de 2008 e 2013 e cuja orientação teórica esteja baseada na Psicanálise, apresente relações efetivas entre os termos, isto é, uma intencionalidade declarada de se investigar ambos os temas, tendo adolescência e mídias como objetos de estudo simultaneamente e de forma combinada, não aparecendo apenas ao longo do corpo textual como informação complementar de pesquisas sobre outros assuntos.

Para realização deste estudo, foram utilizados os bancos de dados nacionais Scielo, Pepsic, Lilacs e Portal Capes. Tratam-se de bibliotecas eletrônicas compostas por periódicos científicos. Também foi consultado o Google Acadêmico (Scholar) que, diferentemente dos anteriores, define-se como sendo uma ferramenta para pesquisar artigos de editoras, bibliotecas, universidades, revistas, resumos, livros, citações, pré-publicações, considerados literatura acadêmica.

Estabeleceu-se, em seguida, padrões de busca a serem aplicados nas mencionadas bases, com filtro de período nos campos de busca para limitar os resultados em pesquisas compreendidas entre os anos de 2008 e 2013. Trata-se das combinações de palavras-chaves: adolescência, mídia e psicanálise; adolescente, mídia e psicanálise; adolescência, televisão e psicanálise; adolescente, televisão e psicanálise; adolescência, internet e psicanálise; adolescente, internet e psicanálise; adolescência, adolescente, mídia, televisão, internet e psicanálise.

Optou-se por utilizar tais variações de palavras partindo da hipótese de que alguns sistemas de busca poderiam não reconhecer a semelhança entre os termos escolhidos e, conseqüentemente, deixarem de listar estudos que contemplem o assunto pesquisado. As palavras-chaves escolhidas também consideraram o estudo realizado pelo IBOPE (2013), que revelou serem a televisão e a internet os meios de

comunicação atualmente mais utilizados pela população brasileira, em detrimento de jornais e rádio, por exemplo. Dessa forma, procurou-se ampliar o espectro de pesquisas acrescentando as combinações de termos supracitadas que envolvem “televisão” e “internet”, partindo da hipótese que outras referências seriam encontradas na busca por essas palavras combinadas.

Para as buscas realizadas através da ferramenta de pesquisas Scholar, acrescentou-se a palavra-chave “periódico” a cada uma das combinações supracitadas, posto que tal ferramenta dispõe de amplo banco de dados incluindo materiais de naturezas diversas que não interessam para esse estudo. Já nas bases Scielo, Pepsic, Lilacs e Portal Capes, tal refinamento não foi necessário pois as pesquisas foram diretamente realizadas no campo de artigos de periódicos.

Com o propósito de organizar as buscas, foi construída uma planilha¹ em Excel para ser preenchida com as seguintes informações de cada pesquisa previamente selecionada: base de dados, autor, área de atuação, palavras-chaves, ano de publicação, mídia em foco e autores de referência. Os estudos previamente selecionados nas listagens de cada uma das buscas (um total de 12 artigos) passaram por um novo refinamento, através da leitura de seus resumos, a fim de investigar se apresentavam o critério relações efetivas pré-determinado neste trabalho.

Finalizado este processo, passou-se para a descrição do *corpus*, utilizando para isso uma tabela elaborada com algumas informações da planilha supracitada. Em seguida, partiu-se para a análise dos resultados, tendo em vista os problemas de pesquisa, as relações entre adolescência e mídias, as definições dadas para a adolescência e as conclusões dos estudos.

¹ A planilha completa pode ser consultada na sessão Anexo deste documento.

RESULTADOS

O procedimento de buscas adotado resultou na inclusão de 7 artigos, sendo 1 do Pepsic, 1 do Portal Capes, 1 da Lilacs e 4 do Scholar. São eles:

- A. *Os adolescentes na rede: uma reflexão sobre as comunidades virtuais* (LIMA et al., 2012), em *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v. 64, n. 3, p. 2-18.
- B. *Os meios de comunicação e o suicídio: uma breve genealogia da narrativa da própria morte* (TUCHERMAN; CLAIR, 2009), em *Revista FAMECOS*, n. 38, p. 44-50, Porto Alegre.
- C. *Por que os adolescentes escrevem diários na rede? A escrita de si no universo virtual* (LIMA; SANTIAGO, 2010), em *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v. 5, n. 1, p. 53-64.
- D. *O discurso da criminalização da juventude no jornal Daqui* (MENDES, 2011), apresentado à Pontifícia Universidade Católica de Goiás.
- E. *Delinquência, exclusão e mídia: uma contribuição psicanalítica do estudo de adolescentes envolvidos em atos infracionais* (CARNEIRO, 2011), em *O Portal dos Psicólogos*, p. 1-14.
- F. *Gravidez, adolescência e imprensa: O caso dos jornais NH e ABC Domingo* (SILVEIRA, 2008), apresentado ao Centro Universitário Feevale.
- G. *Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades* (SCHWERTNER; FISCHER, 2012), em *Educação em Revista*, v. 28, n. 1, p. 395-420.

Podemos, então, visualizar os seguintes dados a respeito dos estudos selecionados:

T1. Artigos encontrados correspondentes aos critérios definidos:

	Base de Dados	Área de Atuação	Palavras-chaves	Ano	Mídia em foco	Autores de Referência
A	Pepsic	Psicologia	Adolescência, internet e psicanálise	2012	Internet	Pierre Lévy, Pierre Bourdieu, Anthony Giddens, Michel Pêcheux, Eni Orlandi, Jacques Lacan e Jorge Forbes
B	Capes	Comunicação	Adolescente, mídia e psicanálise	2009	Revista e internet	Michel Foucault e Friedrich Nietzsche
C	Lilacs	Psicologia	Adolescência, internet e psicanálise	2010	Internet	Jacques Lacan, Sigmund Freud e Colette Soler
D	Scholar	Educação	Adolescência/adolescente*, mídia e psicanálise	2011	Jornal	Eni Orlandi, Maria do Rosário Gregolin, Francine Mazière, Eugênio Bucci, Maria Rita Kehl e Pierre Bourdieu
E	Scholar	Psicologia	Adolescência/adolescente*, mídia e psicanálise	2011	Mídias em geral (televisão, revistas, internet)	Sigmund Freud, Jacques Lacan e Donald Woods Winnicott
F	Scholar	Comunicação social	Adolescência/adolescente*, mídia e psicanálise	2008	Jornal	Francisco José Karam, Contardo Calligaris, Nilson Lage, José Ottoni Outeiral
G	Scholar	Educação	Adolescência/adolescente*, mídia e psicanálise	2012	Mídias em geral (televisão, revistas, internet)	Maria Rita Kehl, Néstor García Canclini e Juarez T. Dayrell

* A barra entre as palavras adolescência e adolescente indica que tanto nas buscas utilizando a primeira quanto nas com a segunda palavra os resultados apresentados foram os mesmos, não havendo diferença entre elas para a base de dados em questão.

Como podemos ver na tabela T1, além da Psicologia, as áreas de Comunicação e Educação também apresentam contribuições para o estudo do tema adolescência e mídias, tendo como base a teoria psicanalítica. Dos 7 estudos, 3 são da área de Psicologia (A, C e E), 2 da Educação (D e G) e 2 da Comunicação (B e F). As pesquisas da área de Comunicação são as mais antigas (na amostra selecionada), datando de 2008 a 2009.

A principal combinação de palavras-chaves que retornou as pesquisas incluídas neste trabalho foi “adolescência/adolescente, mídia e psicanálise”, abarcando 5 das 7 pesquisas totais (B, D, E, F e G). A combinação “adolescência, internet e psicanálise” resultou em 2 pesquisas utilizadas no presente documento (A e C).

Com relação à fonte de pesquisa, isto é, a mídia enfocada em cada trabalho, temos que 3 das 7 pesquisas trabalharam com a internet, 3 com mídias impressas (2 com jornal e 1 com revista) e 2 com mídias em geral, sem especificação de fonte. A psicóloga Nádia Laguárdia Lima é autora de duas pesquisas envolvendo internet, uma do ano de 2010 e outra de 2012.

Dentre os vários autores de referência utilizados, destacam-se Jacques Lacan, Sigmund Freud, Pierre Bourdieu, Eni Orlandi e Maria Rita Kehl, presentes em mais de um dos estudos selecionados (Lacan foi o mais citado, estando presente em 3 dos 7 estudos). Esses autores embasaram os estudos mais recentes, contados a partir de 2010, não sendo apontados nas pesquisas da área de Comunicação, que utilizou outros autores como referência. Maria Rita Kehl serviu de referência para os 2 estudos da área de Educação, assim como Jacques Lacan se fez presente em todos os estudos da área de Psicologia.

O primeiro estudo, intitulado *Os adolescentes na rede: uma reflexão sobre as comunidades virtuais* (Lima e cols., 2012), apresenta uma análise sobre o uso que os adolescentes fazem desse novo espaço de socialização: as comunidades virtuais. Contudo, os autores apresentam um paradoxo sobre esse espaço de socialização, que por um lado possibilita a expressão da subjetividade dos usuários de forma livre e criativa e pelo outro contribui para o agravamento da desigualdade social, posto que se baseia na lógica do mercado capitalista. O objetivo do trabalho seria, portanto,

investigar para qual desses fins as comunidades virtuais (no caso, do Orkut) têm servido aos adolescentes. O primeiro capítulo deste estudo explicita essa ideia do “paradoxo da expansão informacional”, partindo da revolução tecnológica e traçando um panorama histórico sobre o crescimento da tecnologia pelo mundo, revelando a multiplicidade de empregos possibilitada por sua complexidade (ampliação e acúmulo de conhecimentos, de capital, de contatos sociais). Essa multiplicidade desemboca no paradoxo mencionado, cujas partes em conflito são sistematicamente argumentadas e defendidas com base em seus expoentes.

Para a realização desta pesquisa, foram analisadas as narrativas dos adolescentes em fóruns de 50 comunidades do Orkut selecionadas pelo método de amostra não-probabilística, bem como suas fotos pessoais. As narrativas foram fragmentadas em unidades menores de texto para identificação de temas mais frequentes. Já as comunidades foram classificadas de acordo com seus fóruns: temáticas, fotos, informativas, mercadológicas, grupos fechados, de líderes ou sem fórum. Entrevistas virtuais disponíveis na rede com os líderes das comunidades também serviram de apoio para a análise. As teorias de base utilizadas foram Análise de Conteúdo e Análise do Discurso, ambas relacionadas com a Psicanálise lacaniana.

Como resultado da pesquisa, os autores constataram que a maioria dos adolescentes ingressa nas redes sociais por volta dos 12 anos de idade, sendo que a preferência destes recai sobre as comunidades de fotos, onde são feitas avaliações das imagens exibidas pelos participantes (as fotos de seus perfis). De acordo com autores, trata-se de uma busca por parte do adolescente pela reconstrução de sua imagem, tendo como parâmetro o olhar do outro sobre si. O predomínio das imagens sobre as palavras é um fenômeno comum na rede e tais imagens apresentam um padrão identificado pelos autores: são, em geral, fotos sensuais tiradas em frente ao espelho, com roupas decotadas ou de marca, óculos escuros e celulares. Esse padrão revelaria a lógica capitalista consumista, marca da nossa sociedade. Há também um padrão presente nos discursos dos adolescentes, frequentemente voltado para a imagem corporal e objetos de consumo.

Há uma infinidade de comunidades das quais os adolescentes podem participar revelando suas identificações. Com tanta diversidade, a tarefa de constituir uma identidade torna-se mais difícil para os adolescente de hoje, que procuram não mais pelos mestres, mas sim pelos semelhantes.

Os autores encerram o artigo colocando que acreditam ser possível a utilização da rede social por parte da sociedade como espaço para exercício da democracia, da liberdade de expressão, reflexão crítica, ou ainda manifestações das diferenças. Contudo, há que se assumir uma postura ativa, crítica e responsável diante das informações e da tecnologia disponível.

O estudo B, realizado por Tucherman e Clair (2009), traz em seu título *Os meios de comunicação e o suicídio: uma breve genealogia da narrativa da própria morte* a questão da interferência do ciberespaço na constituição de si. O texto parte da história do garoto Yoñlu que transmitiu seu suicídio na internet em 11 de fevereiro de 2008. Revistas e jornais comentaram o fato e buscaram posicionamentos a respeito do mal que pode existir no ciberespaço. De acordo com texto, também existem as concepções da sociedade sobre o suicídio, fenômeno já investigado desde a era platônica. As principais atribuições dadas ao suicídio são: um pecado contra Deus que é dono da vida, uma afronta à Natureza ao interromper seu curso natural, um ato contra a sociedade por deixar de contribuir com sua vida. Há ainda os que pregam ser o suicídio um ato de libertação e de opção individual, como Schopenhauer e Hume respectivamente. Para Nietzsche, o suicídio enquanto morte voluntária acontece sempre no tempo certo, diferente da morte espontânea.

Tucherman e Clair recordam diversas experiências culturais envolvendo suicídios em meios de comunicação, como o caso literário do jovem Werther, de Goethe, que foi um desencadeador de suicídios adolescentes, tendo como pano de fundo o sofrimento romântico. Citam como outro exemplo o caso do cantor Kurt Cobain, cuja morte fez com que seus discos tivessem uma grande elevação no número de vendas e o *rock'n roll* o título de perigoso perante a sociedade. Ainda no campo do *rock'n roll*, as autoras comparam a morte real e o suicídio simbólico propagado por David Bowie.

Retornando o foco para Yoñlu, há a explicitação da opinião do psicólogo do adolescente sobre o fato, que alega ser a Internet algo que contribuiu para a promoção das obras de seu cliente, além de ser este meio uma possibilidade de novos encontros. Contudo, assume a existência de outro potencial da Internet, que permite o desenvolvimento de conteúdos mórbidos.

Ao final da pesquisa, conclui-se que os adolescentes utilizam a Internet para diversos fins, sejam bons ou ruins, ao longo de seus processos de construção da identidade, projetando-se, ou se identificando, entre outros. A falta de conhecimento dos pais e responsáveis desta realidade dificulta a interação entre as partes, que não percebem, por exemplo, que o conteúdo mórbido está muitas vezes nas “letras das músicas” e não na Internet em si que apenas serve como forma de divulgação das produções de seus filhos.

A terceira pesquisa, de autoria de Lima e Santiago (2010), introduz um questionamento logo em seu título *Por que os adolescentes escrevem diários na rede? A escrita de si no universo virtual*. O texto inicia contando sobre a crescente expansão dos blogs no espaço virtual, que tem como principais autores os adolescentes – e destes, 90% pertencem ao sexo feminino. Afora os vários tipos de conteúdos publicados em blogs, a particularidade de cada um desses diários virtuais, torna-se uma questão os diversos motivos pelos quais supõe-se que os adolescentes escrevem nesses espaços e é isso que as autoras buscam investigar. Para a realização do trabalho, fizeram a leitura de 50 blogs de adolescentes, atentando para os motivos expressados pelos autores para a criação do diário virtual. De acordo com as autoras, estes motivos são geralmente destacados na primeira publicação. A pesquisa também destaca os motivos identificados na leitura dos blogs logo após a introdução do trabalho, e segue detalhando, nos capítulos subsequentes, cada um destes motivos, a saber: “o blog como uma narrativa sobre si”, “a busca por fazer amizades e conhecer pessoas” e “o interesse em falar sobre a adolescência”. Como conclusão da pesquisa, temos que, sob a perspectiva psicanalítica, há duas dimensões que marcam a escrita do adolescente em seu blog: uma atemporal e outra temporal. A primeira fala das questões da puberdade, período do desenvolvimento humano pelo qual todos somos atravessados, e que caracteriza-se por diversas transformações psíquicas, físicas e sociais. A dimensão temporal é a que destaca a

singularidade dessa etapa do desenvolvimento de acordo com a cultura na qual o sujeito se insere e seu tempo histórico. O blog pode ser compreendido, portanto, como um espaço possibilitado pela cultura atual que auxilia os adolescentes no processo de separação dos pais e na construção de sua identidade, além de facilitar a inserção na vida social.

A dissertação *O Discurso da Criminalização da Juventude no Jornal Daqui*, apresentado por Mendes (2011), buscou investigar que significações são atribuídas aos jovens (adolescentes) pela mídia impressa, na figura do jornal local Daqui. A autora conta sobre sua trajetória no campo de estudos sobre a juventude, apresenta dados demográficos sobre a violência e o número de homicídios envolvendo adolescentes. Além destes dados, a autora destaca outras notícias veiculadas na mídia impressa sobre os mesmos assuntos: morte de adolescentes, desaparecimento de jovens, grupos de extermínio contra adolescentes, dentre outras variantes da temática da violência praticada contra os jovens.

Na descrição destes fatos, o adolescente é retratado a partir do polo da periculosidade, contrapondo o ideal preconizado da beleza, produtividade, e constituindo com isso o paradoxo com o qual o protagonista dessa fase do desenvolvimento deve lidar. Para a parte pobre da população, o estigma do perigo; para a parcela mais abastada, as expectativas do mercado. Essas concepções são adotadas e promulgadas pela mídia impressa através de seus relatos e representações dos fatos. A mídia, em geral, está baseada na lógica da sociedade do espetáculo e, através das imagens que veicula, contribui para a consolidação de padrões de comportamento, de condutas éticas, de valores morais, não abrindo espaço nem deixando buracos para a reflexão e o exercício da crítica.

Para a análise dos conteúdos coletados no jornal, a autora utilizou-se da Análise do Discurso, que serve-se da Psicanálise em conjunção com a linguística e o marxismo. No primeiro capítulo do trabalho, Mendes fala do “papel da mídia na sociedade contemporânea”, onde aprofunda suas colocações sobre a sociedade do espetáculo e a construção de significados que alimentam o imaginário da sociedade, configurando formas de atuar no mundo moldadas por essa ideologia. No segundo capítulo, a autora discorre sobre sua base teórica, a Análise do Discurso, apresentando os conceitos utilizados e fazendo uma relação preliminar das categorias

de análise existentes na teoria com os enunciados do jornal *Daqui*. O Capítulo III traz a análise feita a partir dos achados na pesquisa e da base teórica anteriormente apresentada. Mendes apresenta algumas definições dadas para a adolescência, aponta os desencontros, convergências e oposições com relação à forma de conceituar essa fase da vida. Em seguida, retoma o tema da periculosidade atribuída ao adolescente pobre, desmistificando as correlações feitas e apontando como se dá a construção dessa marca social, como são produzidas subjetividades em nossa sociedade. Por fim, fala sobre as representações do adolescente na mídia e mais especificamente no jornal *Daqui*, trabalhando com cada destaque eleito na coleta.

Em suas considerações finais, a autora conclui que o jornal investigado apresenta um padrão sensacionalista em suas publicações como estratégia para atrair a população ao seu consumo. As manchetes são dispostas de forma a destacar aquilo que arbitrariamente (mas não sem uma intenção bem definida) elegem como o mais importante e interessante dentre os acontecimentos. De forma geral, as notícias envolvendo a criminalidade e violência de/contra adolescentes recebem um tratamento da publicidade para chamar a atenção do leitor. A linguagem informal utilizada e o emprego de julgamentos morais também revelam o propósito de aproximar-se do leitor e de fazer circular suas verdades na sociedade. As representações transformadas em realidade ficam isentas da interpretação crítica e das reflexões dos sujeitos. Dentre essas representações, há a do adolescente, estereotipado de forma deturpada, posto que os fatos são relatos a partir de um único ponto de vista (geralmente das autoridades policiais). Cria-se, com isso, um cenário onde a marginalização e a penalização é desejável e justificável em casos de “jovens infratores”.

O trabalho E de Carneiro (2010) intitulado *Delinquência, exclusão e mídia: uma contribuição psicanalítica do estudo de adolescentes envolvidos em atos infracionais* inicia apresentando a concepção de que as mensagens midiáticas afetam nosso psiquismo direcionando nossas ideias para a busca pela satisfação (com o corpo, financeira, etc), induzindo-nos ao consumo e influenciando na construção de nossa subjetividade e nas estruturas superegóicas. A noção de liberdade também é questionada logo no começo do artigo, no sentido de que o discurso de sujeito livre propagado socialmente encobre a exclusão de grande parte da população que não se

enquadra nos padrões estabelecidos pela própria sociedade e que luta para conquistar uma identidade que lhe possibilite algum pertencimento. A partir disso, o autor coloca como objetivo da pesquisa estabelecer paralelos entre a insatisfação social e psíquica e a delinquência.

Carneiro recorre a Freud para falar sobre o mal-estar na sociedade e a delinquência juvenil, partindo da constituição da psique humana (consciência, inconsciente, ego, id e superego), passando pelo desamparo aprendido, a religião como ópio do povo, chegando ao princípio de prazer e de realidade. Contudo, não é só pela busca do prazer que se justifica a delinquência adolescente, nem a falta de acesso às artes como forma de sublimar a pulsão originária. Ainda assim, as perdas, frustrações e proibições decorrentes do processo civilizatório exigem uma recompensa por parte de cada indivíduo.

O segundo grande conceito utilizado por Carneiro para falar sobre a delinquência adolescente é a lei paterna, o rompimento da relação dual entre mãe e filho. Atualmente, com os recorrentes escândalos de corrupção no governo, ou ainda, em tempos anteriores, as declarações de um Estado em colapso e enfraquecido, os sujeitos não encontram um substituto à figura paterna (desvalorizada no período da adolescência), algo que sustente a lei introduzida pelo Nome do Pai. O autor fala do adolescente como um sujeito que além de abandonar o que tinha de mais valioso para si é excluído da relação com a sociedade, privado do mínimo necessário para viver. O adolescente que vivencia essa realidade, o “pobretão”, “cheira-cola”, tem o seu cotidiano inundado pela presença de uma mídia (publicidade, novela, internet, rádio) que prega o ter em sobreposição ao ser e rejeita os incapazes de consumir e produzir. Por fim, o autor utiliza-se de sua experiência com menores infratores no Centro Integrado de Atendimento ao Adolescente – CIAA – para ilustrar a pesquisa realizada e propor formas de intervenção aos psicólogos que atuam neste campo.

Retomando o foco para a mídia impressa, Silveira (2008) escreve sua tese *Gravidez, adolescência e imprensa: O caso dos jornais NH e ABC Domingo* buscando investigar como os referidos jornais discutem esse tema. Silveira apresenta dados estatísticos para justificar a relevância de sua pesquisa baseada em um estudo de caso. Seus pressupostos indicam o incentivo da mídia para que os adolescentes não assumam grandes compromissos nessa fase da vida e a possível intencionalidade

dos jornalistas na formação da opinião pública. Além disso, parte da ideia de que tais informações chegam às grandes comunidades através do rádio ou televisão.

Além da verificação já citada, a autora também buscou identificar autores que discutem o conceito de adolescência, além de distinguir conceitualmente gravidez precoce, gravidez não-planejada e gravidez indesejada, identificar a frequência desse temas nos jornais locais e analisar se há uma preocupação por parte dos editores em informar os adolescentes sobre métodos preventivos. Para isso, a autora utilizou o método da pesquisa exploratória, entrevistando uma pediatra, uma conselheira tutelar e duas psicanalistas. Realizou também pesquisas bibliográficas, fez um levantamento documental e analisou qualitativamente edições dos jornais NH e ABC Domingo.

Silveira foca nas questões referentes ao Jornalismo e ao jornalista, apresentando também a ideia de sociedade do espetáculo, discutida por vários autores, como uma produção midiática. Neste mesmo capítulo, a autora expõe um questionamento sobre os limites da liberdade de expressão por parte da imprensa e a informação especulativa, invasiva e sensacionalista. Justificada pelo trabalho centrado no interesse público (que na realidade é de interesse do público e não de interesse público), a mídia investe em matérias de conteúdo sensacionalista. Nesse sentido, a intencionalidade por parte do jornalista fica evidenciada: o intuito não é informar o leitor para que tire suas próprias conclusões, faça suas interpretações sobre os fatos, mas sim alimentar a sociedade do espetáculo, mantendo os sujeitos sob o controle de uma determinada “opinião pública”. Isso fere com a ética do profissional do jornalismo, porém ocorre frequentemente em jornais de grande circulação.

No capítulo seguinte, conceitua adolescência a partir dos psicanalistas Contardo Calligaris e José Outeiral. Calligaris fala da transição da infância para a idade adulta, das contradições e transformações físicas, psicológicas, sociais e afetivas que acontecem nessa fase da vida. Já Outeiral ocupa-se em distinguir puberdade e adolescência, sendo que o primeiro termo refere-se a um processo de caráter mais biológico e o segundo refere-se a um fenômeno psicológico e social. Neste mesmo capítulo, a autora apresenta dados estatísticos sobre a adolescência, tendo como base a OMS e o IBGE principalmente, e relaciona-os com dados obtidos a partir dos jornais estudados.

No terceiro capítulo, a autora explicita o método utilizado de forma mais detalhada, bem como as fontes escolhidas para a pesquisa (jornais NH e ABC Domingo), tecendo reflexões sobre a gravidez na adolescência no discurso da mídia impressa a partir das entrevistas realizadas com as profissionais selecionadas.

Ao final do trabalho, Silveira conclui que o tema da gravidez na adolescência é pouco abordado nos jornais NH e ABC Domingo e, quando ocorre, não se ocupa de passar informações às adolescentes sobre sexualidade, métodos contraceptivos, DSTs, etc., mas sim em apresentar números e índices sobre o assunto, sem explicar como estes dados podem ser modificados ou quais variáveis estão implicadas nessas estatísticas.

O trabalho G de Schwertner e Fischer (2012) diferencia-se dos anteriores por utilizar o termo juventude ao invés de adolescência. Contudo, ao longo do artigo, torna-se claro que essas expressões são usadas como sinônimos pelas autoras. Sob o título *Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades*, as autoras trabalham o conceito de ser jovem na atualidade, buscando considerar as novas formas de sociabilidade possibilitadas pela comunicação virtual. Questionam a concepção do senso comum que associa o adolescente à irresponsabilidade, instabilidade, rebeldia, incertezas, como se a entrada no mundo adulto fosse a solução para sua vida, onde encontra equilíbrio e respostas a todos os questionamentos. Sendo assim, as autoras investigaram o que tem sido pesquisado na América Latina sobre a juventude, além de discutirem a questão da temporalidade nessa fase e suas práticas de consumo.

Desde a década de 50, verifica-se uma alternância entre a definição do que é a adolescência: ora colocada como uma fase da vida de grande vitalidade e otimismo, ora representada como um tempo de irresponsabilidade e dependência. Discute-se e muitas vezes discorda-se sobre qual seria a faixa etária correspondente à juventude e preocupa-se em como resolver as problemáticas “inerentes” a essa fase, como a gravidez precoce, drogadição, violência, dentre outros temas. Já nas pesquisas mais recentes, há uma valorização do jovem como protagonista na transformação da sociedade em que está inserido e a identificação da ampliação da faixa etária considerada jovem, diminuindo o tempo da infância e postergando a entrada na idade adulta. Atualmente, considera-se mais os aspectos culturais e a interação do

adolescente com as mídias, suas relações de consumo e produção. Parte-se também da própria fala do adolescente, realizando pesquisas com sujeitos participantes, dando voz aos jovens.

No capítulo seguinte, as autoras abordam o tema da temporalidade apontando para a importância de estudar a adolescência a partir do tempo em que vivem, considerando não somente os aspectos biológicos e psicológicos da fase, mas também os históricos, institucionais, sociais. Falar em temporalidade não é considerar a adolescência como apenas uma fase da vida, ou mesmo comparar os adolescentes de hoje com modelos de outras décadas. Se a adolescência hoje é compreendida como um momento de incertezas, deve-se ao fato (ainda que não exclusivamente) de a idade adulta ter perdido o poder de sedução que outrora possuía. A juventude é o grande fetiche da atualidade, as crianças querem tornar-se adolescente tão logo possível e os adultos desejam permanecer jovens e belos.

Schwertner e Fischer analisam, em seguida, um estudo realizado no Sul do país, onde foi aplicado um questionário a adolescentes de 11 a 15 anos com o objetivo de identificar como estes utilizam o tempo livre, quais práticas culturais pertencem aos seus hábitos cotidianos. Os resultados desse estudo mostram que mais de 50% dos entrevistados assistem à televisão diariamente, investindo de duas a quatro horas de seu tempo nessa atividade. Sobre a internet, cerca de 32% permanece mais de seis horas navegando em redes virtuais. Contudo, cerca de 80% dos alunos entrevistados alegaram acessar a internet para realizar pesquisas, mas também 92% responderam ser a principal finalidade no uso desse meio a comunicação com os amigos. Por ser considerado o novo *shopping center* dos jovens, o ponto de encontro da juventude, seus protagonistas dispõem grande parte de seu tempo livre em atividades consideradas isoladas, comunicando-se com os amigos à distância.

Por fim, as autoras concluem que as práticas atuais de consumo cultural adotadas pelos jovens são por eles consideradas como possibilidades de novos encontros, como formas de manutenção de relacionamentos e ocorrem simultaneamente a outras formas de lazer e comunicação, sem serem excludentes entre si. Na conclusão, as autoras também inserem uma observação referente à nostalgia presente nos adolescentes de hoje, como se fossem velhos adultos recordando sua infância.

Finalizado o panorama sobre os conteúdos dos estudos selecionados para compor a análise deste trabalho, apresentamos a tabela T2 com algumas informações relevantes para os objetivos de compreender como a relação entre o adolescente e a mídia é abordada nestes estudos, além de identificar quais problemáticas têm sido investigadas pelos pesquisadores e como estes definem os conceitos mídia e adolescência.

T2. Sistematização das categorias de análise dos artigos

	Problema de Pesquisa	Definição de Adolescência /Adolescente	Definição de Mídia	Relação Adolescência e Mídia	Conclusões
A	Como os adolescentes utilizam as comunidades virtuais e se esse espaço contribui para a construção de uma crítica nos adolescentes	Período de crise psíquica decorrente das transformações da puberdade, questionamento dos valores e queda dos ideais.	Possibilidade de socialização, mas também de aumento das desigualdades sociais por estar assentada sobre a ideologia capitalista. Predomínio de imagens e confusão entre o íntimo e o público.	Apesar das diferentes formas possíveis de utilização da rede, da multiplicidade de identificações propiciada pelas inúmeras comunidades, há um predomínio do uso desse espaço virtual em busca de inserção e aceitação pelos pares, seguindo uma lógica segregativa, que apaga as singularidades.	Padronização dos discursos, com temas e frases semelhantes, fazendo referências ao corpo e a objetos de consumo, seguindo a lógica do mercado.
B	De que forma o ciberespaço interfere na criação de si	O adolescente de hoje vive ou realiza seus processos de projeção e identificação nas redes virtuais.	Possibilidade de novas formas de relacionamento e de expressão e compartilhamento de morbidades.	Auxilia o adolescente na criação de uma identidade, facilitando principalmente a interação dos mais tímidos.	O ciberespaço é o novo ambiente da experiência, fazendo com que nossas referências tradicionais sejam abaladas. O corpo é visto como algo que limita experiências de consciência pura.
C	Por que os adolescentes escrevem em blogs	Tempo de fazer a separação dos pais e organizar sua existência e sua relação com o mundo através de arranjo particular.	Possibilidade de novas interações	O adolescente utiliza a mídia para falar sobre si e conhecer pessoas.	Existe uma dimensão temporal da adolescência que revela a singularidade dessa fase em relação com a cultura em que o adolescente está inserido. O blog seria um espaço possibilitado pela cultura atual que auxilia os adolescentes na construção de sua identidade social.

D	Como os jovens são significados pela mídia impressa	Ativo em suas escolhas posicionando-se diante dos acontecimentos.	Consagra padrões éticos e ideológicos, como a violência, lucro, exclusão e espetáculo, além de normas de conduta que contribuem para a falta de reflexão.	O conteúdo produzido pela mídia para o público adolescente geralmente refere-se a cultura e comportamento: esporte, música, moda e estilo de vida. Já os produtos destinados aos adultos cujos conteúdos estão relacionado aos adolescentes são, em geral, matérias sobre violência, crime, exploração sexual e drogadição, todos apresentados como problemas inerentes dessa fase.	A mídia estimula o preconceito com seus enunciados, promovendo a invisibilidade e a caracterização do jovem pobre como um problema a ser combatido. Produz verdades universais e fomenta a violência como prática aceitável e natural contra adolescentes da periferia estigmatizados.
E	A delinquência enquanto consequência dos processos civilizatórios repressivos	Excluído da relação com a sociedade e privado do mínimo necessário para viver, ainda precisa abandonar os ideais e valores antigos, desvincular-se das figuras parentais e conquistar um espaço na sociedade.	Afetam nosso psiquismo direcionando nossas ideias para a busca da satisfação, induzindo-nos aos consumo e influenciando na construção da nossa subjetividade.	Os jovens são invadidos pela mídia com propagandas sobre consumo, instigando o desejo e o princípio do prazer.	Além de negar o acesso aos prazeres, a sociedade oferece aos adolescentes um ideal inalcançável (os veiculados pelas mídias), gerando com isso insatisfação e revolta.
F	Como os jornais abordam o tema da gravidez na adolescência	Transição da infância para a idade adulta, marcada por contradições. Trata-se de um fenômeno psicológico e social, diferente da puberdade, um processo biológico.	Sensacionalista, busca alimentar a sociedade do espetáculo, incentivando o consumo, veiculando conteúdos que almejam o lucro e não a informação.	Adolescentes são retratados pelos jornais como números: jovens mortos, adolescentes grávidas, doentes, fora da escola, no crime, etc.	As matérias jornalísticas dão destaque para dados que chocam a população, não se preocupando em informar os adolescentes sobre as formas de prevenção.
G	Quais os efeitos provocados pelas mudanças tecnológicas nos modos de relacionament o dos adolescentes	O adolescente é ativo em suas escolhas, protagonista de suas decisões, transformador da sociedade em que vive e não mero reproduzidor de experiências.	Possibilita um pertencimento fundamental para o jovem da nova geração; é um novo ponto de encontro para estabelecimento de diferentes relações.	Relação de consumo e de produção por parte dos adolescentes, que gastam grande parte de seu tempo nas redes virtuais.	As mídias são fundamentais para o lazer e socialização do adolescente, complementando outras formas existentes de interação sem classificação de ordem valorativa, sendo plenamente compatíveis com a sociedade contemporânea.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Analisando quantitativamente os resultados obtidos, podemos perceber que a produção nacional sobre o tema adolescência e mídias permanece exígua, conforme já apontavam Miguel e Toneli (2007) que investigaram todas as publicações indexadas em determinadas bases até o ano de 2003. As autoras, mesmo com um recorte mais abrangente do que o apresentado neste trabalho, chegaram ao número de 12 estudos brasileiros contra 7 do presente documento, o que nos revela que pouco ainda tem se pesquisado sobre o assunto.

Com relação aos conteúdos apresentados, isto é, fazendo a análise qualitativa dos resultados, podemos afirmar que pesquisas realizadas nos últimos cinco anos sobre a relação adolescência e mídias têm atribuído uma considerável relevância à multideterminação dos fenômenos sociais, culturais, biológicos e humanos. Essa multideterminação fomenta a ampliação do olhar do pesquisador sobre seu objeto de estudo, levando-o a buscar em outras áreas a ciência complementar ao que é de seu conhecimento. As pesquisas do campo da Educação, por exemplo, buscaram nas ideias da psicanalista Kehl (2008) significações sobre a relação entre adolescência e mídia, explanações sobre a contemporaneidade, conceituações que possibilitassem maior compreensão sobre o objeto de investigação, assim como fizeram os pesquisadores da área de Comunicação, porém utilizando-se das proposições dos psicanalistas Calligaris (2000) e Outeiral (1994) para os mesmos aspectos.

A definição de adolescência utilizada pela maioria dos pesquisadores ressalta as seguintes características: momento de separação dos pais, que são destituídos do lugar do saber; diferente da puberdade, que se refere aos aspectos mais biológicos dos sujeitos, universais e ocorre em uma faixa etária mais específica (ainda que varie de literatura para literatura); processo, passagem da infância para a idade adulta, com o luto pela perda do corpo infantil e incertezas diante do novo desconhecido. A adolescência é também considerada a fase decisiva para a inserção na vida em sociedade, marcada por crises, questionamentos e experimentações. Mendes (2011) e Schwertner e Fischer (2012) acrescentam ainda a postura ativa do adolescente, protagonista de suas escolhas e decisões.

Analisando as formulações dadas para o conceito de adolescência, podemos destacar, dentre os vários aspectos mencionados, a perda do corpo infantil e o desligamento dos pais, uma vez que com isso ocorre também uma perda do narcisismo infantil, fazendo com que o adolescente tenha, então, que investir em si próprio na tentativa de construir uma nova imagem que não mais a da criança com a qual se identificava, cujos pais amavam e era perfeita. Esse investimento narcísico por parte do próprio sujeito é que auxiliará na constituição da sua subjetividade e na formulação de um Ideal do eu. Não se trata, porém, de algo exclusivo da adolescência. Essa busca pela completude, pela perfeição narcísica perdura ao longo de toda a vida, sendo mais fortemente expressada na fase adolescente.

Com relação às mídias, as definições convergem - com exceção de Lima e Santiago (2010) e Schwertner e Fischer (2012) - para os fatores manipulador e sensacionalista dos meios de comunicação. Ainda que não neguem seu caráter comunicativo, sua potencialidade de promover relações à distância, alertam principalmente para a obscuridade do seu poder de influenciar massas, impondo valores, condutas, padrões, direcionando nossas escolhas e construindo subjetividades cristalizadas. Sua presença constante e invasiva na vida das pessoas acarreta em uma indiscriminação entre o público e o privado, dando visibilidade ao que seria considerado em outros tempos como de foro íntimo.

De acordo com Kehl (2008), a sociedade atual tem como valores principais a espetacularização da vida e a produção em escala industrial de imagens. Essas imagens, a serviço do prazer narcísico, apresentam-se como verdades, misturam-se com o real, são totalizantes. Sendo assim, o poder das mídias se dá pelo espetáculo que expõem cotidianamente através de seus veículos, pelo fascínio que despertam ao possibilitarem aos espectadores o gozo pela realização do desejo através do encontro com sua representação, além do gozo da identificação propiciado pela formação imaginária.

Os estudos atuais, contemplados nesta pesquisa, evidenciam também uma preocupação e interesse maior com relação à internet, pondo de lado a televisão que outrora fora o foco da atenção das ciências. A questão do uso deste meio virtual, mais especificamente das redes sociais, fez-se presente em quatro dos sete estudos analisados (TUCHERMAN; CLAIR, 2009; LIMA; SANTIAGO, 2010; LIMA et al., 2012;

SCHWERTNER; FISCHER, 2012), configurando-se como um tema de relevância significativa para compreendermos a adolescência contemporânea. Além de Lima et al. (2012), Tucherman e Clair (2009) investigaram essa relação entre o adolescente e o espaço virtual, destacando a presença de um paradoxo. Ao mesmo tempo em que a internet possibilita a expressão da subjetividade, permitindo aos jovens falarem de si e estabelecerem laços, podem promover a desigualdade por conta do acesso diferenciado entre as camadas sociais. Nascida em berço capitalista, a internet também segue a lógica do consumo, publicando propagandas nas redes sociais, estimulando a exibição de fotos pessoais que servem como *outdoors*: adolescentes consumindo uma marca determinada, usando roupas de grifes, acessórios luxuosos, frequentando lugares da moda, etc. A espetacularização da vida é seu principal objetivo. Os diários são abertos ao público (blogs), os relacionamentos são compartilhados como *status*, as decisões pessoais são tomadas em conjunto (engravidar, morrer, estudar, comer).

Já no estudo de Mendes (2011), as ideias de Kehl ajudam a compreender a propagação de estigmas sociais que consideram o adolescente sinônimo de rebeldia, problema, criminalidade. Com a disseminação de imagens e discursos totais, que formulam um padrão a ser valorizado e almejado pela sociedade, a produção midiática penetra na psique humana e atinge sua estrutura, proporcionando um reconforto e a consequente falta de reflexão sobre os conteúdos veiculados. Podemos traçar um paralelo entre essas ideias e as colocações de Gonçalves (2003) a respeito da apropriação de significados sociais por parte dos adolescentes, que introjetam em si os sentidos e significados veiculados pelas mídias e que predominam no meio social para representar suas experiências, para construírem uma identidade. Logo, aqueles que não se encaixam nos padrões edificados socialmente (o jovem enquanto potência, referencial de beleza e vitalidade e consumidor ativo), são vistos pelo polo oposto frequentemente apresentado nos noticiários sensacionalistas: adolescentes criminosos, marginais, drogados, etc, levando-os a se identificarem com a imagem oposta da idealizada que também é construída e promulgada pelos meios de comunicação.

Essas ideias também se fazem presentes nos estudos de Carneiro (2011) e Silveira (2008) que apresentam a mídia como veiculadora de imagens que muitas vezes não condiz com a realidade da população que as consome. Essa mesma mídia (seja na forma de jornais, revistas, internet, televisão) utiliza-se da lógica da sociedade do espetáculo para manipular, consciente ou inconscientemente, os conteúdos que transmite visando o consumo cada vez maior por parte dos leitores, espectadores, usuários. Portanto, independente de tratar ou não da realidade da maioria da população, as estratégias empregadas pela mídia somadas à necessidade de identificação por parte do ser humano resultam no reconhecimento do seu produto como algo posto, indiscutível e verdadeiro.

Mendes (2011) e Silveira (2008), autoras de áreas diferentes, mas que compartilham da mesma fonte de pesquisa, concluem igualmente em seus trabalhos que a mídia impressa organiza-se visando a venda de jornais e não passar informações aos leitores sobre os fatos do mundo; sua finalidade é sustentar a sociedade do espetáculo, que para Mendes é a lógica que dá a base para a mídia. Já para Silveira, foi a própria mídia quem produziu a sociedade do espetáculo. Esse objetivo de despertar o consumo faz-se presente nas mídias como um todo, conforme apresentam Carneiro (2011) e Vitelli (2009), sendo que este último ainda aponta para o fato de que as múltiplas oportunidades de identificação presentes na atualidade dão a falsa ideia de diversidade e possibilidades de escolha, pois carregam no fundo um mesmo valor ideológico (o do consumo). Também para Carneiro, as mensagens midiáticas promovem o consumismo e influenciam nossa subjetividade. Cada vez mais, a audiência de programas e matérias sensacionalistas aumenta, mesmo configurando uma violência para nossa psique, e o outro torna-se, ao mesmo passo, cada vez mais ameaçador. Diante desse outro ameaçador, o outro com o qual o sujeito não se identifica, cuja imagem distancia-se de sua realidade e que é reconhecido socialmente da forma que ele gostaria de *ser* (mas que não é por não *ter*), surge um sentimento de revolta que pode resultar em delinquência. A criminalidade nesse sentido seria resultante de uma identificação social e não das condições sociais (pobreza, miséria e fome).

Pensando no adolescente, Carneiro (2011) utiliza as teorias freudiana e lacanianas para entender a influência das mídias em atos infracionais, traçando comparações com as formulações de Winnicott. A partir de Freud, podemos entender a necessidade do adolescente de encontrar uma proteção contra a hostilidade do mundo, retomando sua formulação a respeito do desamparo infantil. Essa busca por proteção encontra-se intrínseca à busca por um substituto dos prazeres primordiais experimentados junto à mãe.

Para viver em sociedade, o adolescente aprende a abrir mão de alguns de seus prazeres em favor da manutenção da vida coletiva, adapta-se às leis vigentes, ainda que sejam arbitrariamente impostas. Ao passar pela fase edípica, já fora introduzido na Lei através da função paterna e precisou abandonar sua posição fálica na relação mãe-criança para receber o mundo, tornar-se um ser desejante. Isso, porém, não é vivido sem frustrações, revolta e agressividade, que serão “compensadas” pelo sujeito na vida em sociedade. Contudo, em uma sociedade onde os prazeres são inatingíveis por uma parcela da população e onde a crueldade tem sido defendida como forma de punição aos que não compartilham da lei imposta, restam poucas maneiras para o adolescente se ver livre dos desprazeres. Os meios disponíveis para se buscar a sublimação das pulsões distorcem em demasia a pulsão original, tornando-se pouco eficazes. Dizer que os adolescentes devem dedicar-se ao futebol, à dança, a um instrumento, aulas de pintura para se verem distantes da violência é ilusório. Freud mesmo afirma, segundo Carneiro (2011), que *“quanto mais grosseira e mais diretamente ligada à pulsão original, maior será o prazer ligado àquela ação”* (p. 5).

Retomando a concepção de mídia de Schwertner e Ficher (2012) e Lima e Santiago (2010), que, conforme dito anteriormente, diverge das proposições dos demais estudos por apresentar apenas o polo positivo dos meios de comunicação, tomados como novas possibilidades de constituição da identidade para o adolescente e de inserção social propiciadas pela cultura atual o que é o oposto das ideias apresentadas por Vitelli (2009), podemos ressaltar também a visão de adolescente destes estudos como sendo um sujeito ativo em suas decisões, no sentido de utilizar-se de uma crítica e permanecer em constante reflexão quando da realização de suas escolhas. Já para Levisky (1999), e conforme destacado na Introdução deste documento, o adolescente seria altamente vulnerável às influências dos fenômenos

sociais, além de serem as identificações decorrentes de mecanismos inconscientes. Logo, tanto a compreensão de mídia quanto de adolescência apresentadas por estas pesquisadoras distanciam-se, então, das formulações psicanalíticas expostas ao longo do presente trabalho.

Por fim, podemos dizer que as pesquisas analisadas chegam, em sua maioria, a conclusões paradoxais. Os autores dos estudos não apresentam um posicionamento único a respeito da relação adolescência e mídias, abrindo um leque de possibilidades decorrentes dessa interação. Ao mesmo tempo em que afirmam que a internet promove relações sob a lógica capitalista do consumo e a valorização de imagens padronizadas e totalizantes em detrimento de discursos reflexivos, alegam ser este meio um potencializador da constituição da subjetividade para os adolescentes, principalmente os mais tímidos, uma vez que abre um espaço na sociedade para pertencerem, falarem sobre si, identificarem-se com seus pares. Para que isso se efetive, alertam para o uso crítico e reflexivo destes meios de comunicação, que por vezes declaram ser sensacionalista e vazio de conteúdo informativo. Contudo, há também um posicionamento que isenta a mídia de responsabilidade dos maus que acontecem na sociedade, sendo que apenas contribui para a expressão de algo que é do sujeito: o mau está dentro nós. Esse espaço fornecido pela cultura atual, que possibilita a expressão das diferenças e ajuda o adolescente a fazer suas escolhas, construir uma identidade, é fonte ainda de muitas controvérsias, contradições e de difícil posicionamento para os pesquisadores, principalmente quando colocado em relação à adolescência, período também marcado pelas controvérsias.

DISCUSSÃO

Através desta pesquisa foi possível identificar que, para além das afirmações sobre as mídias enquanto espaços geradores de novas amizades, como ferramentas para conhecer pessoas, para relacionar-se com os amigos, há outra face destes meios que muitas vezes permanece obscuro. Quando Schwertner e Fischer (2012) utilizaram as ideias da psicanalista Kehl, falaram de um grande dispêndio de tempo por parte dos adolescentes com a Internet e a televisão. Isso nos leva a pensar que o poder totalizante deste meios, propiciado pela ampla utilização de imagens, alimenta a busca por identificações por parte dos adolescentes, oferecendo-lhes verdades, sentidos e direcionamentos inquestionáveis, posto que discursam sobre um prazer absoluto, um reconhecimento social, e oferecem as representações que vão de encontro ao objeto real desejado inconscientemente. Dessa forma, os adolescentes não necessitam sair de suas casas para se relacionarem, encontrarem com os amigos, mesmo porque o encontro com o outro, com o diferente, é sentido como uma violência para seu eu-narcísico, conforme afirma Kehl (2008). O adolescente que utiliza as redes virtuais para relacionar-se pode até não estabelecer de fato um encontro com o outro, mas sim com o seu igual, com seu espelho.

Até que ponto, então, considerar que as formas virtuais de relacionamento entre os adolescentes é simplesmente mais uma possibilidade de comunicação propiciada pelos avanços da tecnologia, ou que o grande investimento de tempo em redes sociais é apenas compatível com a forma de vida moderna e que, ao declararem utilizar a internet para outras funções (como ler, pesquisar, escrever), os adolescentes revelam a importância fundante destes meios em sua constituição, conforme concluíram as autoras, não é assumir a mesma postura cristalizada e irrefletida que criticam em sua pesquisa?

Com a configuração atual de sociedade, o adolescente acaba orientando-se muito mais pelo imaginário do que pelo simbólico na constituição da sua subjetividade, fortalecendo a identificação do adolescente com a imagem narcísica, negando a castração. O adolescente da cultura narcísica, da sociedade do espetáculo vai se tornando incapaz de aceitar o outro, o diferente, que aparece como ameaçador à sua falsa imagem de perfeição. Pode tornar-se rebelde diante disso ou mesmo isolar-se

do convívio social. Contudo, é esse outro que o adolescente busca para firmar sua identidade; é através do olhar do outro que pode ser reconhecido, já que seus antigos referenciais foram abandonados (os pais).

Ainda assim, há um aumento da competitividade em favor do reconhecimento, pois o outro que dá sentido à vida do adolescente são as mídias com seus valores, padrões, imagens, ideologias. Logo, podemos pensar que as mídias não têm servido exatamente para a constituição da subjetividade no sentido de proporcionar uma expressão livre dos sujeitos, como meio propiciador de reflexões críticas. As narrativas investigadas nos estudos apontam para uma perda das singularidades e para a padronização dos discursos, além de fortalecerem a imagem narcísica. O adolescente pode ser quem ele quiser no mundo virtual, pode criar perfis falsos, ocultar informações pessoais, construir-se a partir de um Ideal que virtualmente e imaginariamente é sustentado. É a negação da castração.

A sociedade atual, de forma geral, não tem operado na vida dos sujeitos com o mesmo poder que o pai simbólico opera na castração; as instituições não têm sustentado o papel de substitutos parentais, além de serem alvos constantes de denúncias de corrupção, crimes, desrespeito aos direitos humanos, sejam elas públicas ou privadas. De acordo com Levisky (1995) e Paladino (2005), a desvalorização contemporânea da figura paterna, também apontada por Carneiro (2011), atribui aos meios de comunicação maior importância no processo de busca por modelos de identificação. Resta ao adolescente, necessitado de identificações, de acolhimento, reconhecimento e satisfação de seus desejos o mundo das imagens, propagandas e fantasias: a produção midiática. Nesse meio, o adolescente encontra pertencimento, formando grupos diversos, encontra o gozo pela identificação e um espaço para ser. O adolescente encontra, além disso, um padrão diferente da realidade em que vive e cria dentro de si uma necessidade de *ter* para poder adquirir o *status* valorizado socialmente; vê-se impelido a consumir para ganhar visibilidade e ser aceito. Estando privado de praticamente todas as condições que dão acesso a isso, pode vir a revoltar-se e praticar atos infracionais, conforme afirma Carneiro (2011).

Ainda que as mídias apresentem uma positividade no sentido da multiplicidade de possibilidades com as quais os adolescentes poderiam identificar-se, seja com a internet e suas inúmeras comunidades virtuais, os jornais com seus cadernos variados, a televisão e sua programação diversificada, cada qual buscando construir uma identidade individualizada e subjetiva, o que vemos acontecer é a predominância de uma identidade mais coletiva, onde o indivíduo perde-se no meio da massa, onde não há o diferente. Trata-se de uma identidade objetivante e alienante que coloca os adolescentes no lugar de mercadorias, o alvo do consumo. Atualmente, a valorização do ser jovem, o *status* da juventude faz com que as crianças vivam por menos tempo a infância e a adolescência perdure por um período mais prolongado. Essa aparente dificuldade de entrar no mundo adulto pode estar vinculada ao fato de que os próprios pais e demais adultos que serviriam de modelos de identificação para os adolescentes estão identificados com a figura jovem. Além da queda da figura paterna já citada, há portanto a supressão das relações verticalizadas, igualando pais e filhos.

Como se dá, enfim, a relação entre adolescência e mídias? Se as conclusões das pesquisas aqui trabalhadas apresentam posicionamentos diferentes, potencialidades reais e opostas de um mesmo objeto, se a própria adolescência é um período marcado pela subjetividade e não como uma fase determinada por características universais, e se as mídias carregam a qualidade de estar em constante transformação, atualização, seria possível chegar a uma única resposta para essa pergunta? Várias foram apresentadas e analisadas ao longo deste trabalho, cada qual com suas fundamentações, mas tendo em comum o laço com a teoria psicanalítica. Certamente, essa não é a única linha teórica que formula proposições sobre o assunto e que permite que tal discussão seja feita, porém, através dos psicanalistas contemporâneos, pode fornecer a base para compreensão da relação aqui pesquisada. As principais ideias trabalhadas no presente estudo carregam consigo as origens da própria teoria psicanalítica, como o conceito lacaniano de Função Paterna, as formulações freudianas sobre o mal-estar na civilização, constituição da subjetividade, castração, dentre outros conceitos contemplados. Isso quer dizer que as formulações psicanalíticas desde seus primórdios carregam proposições que podem servir para a compreensão de fenômenos atuais, o que não significa que esta abordagem esteja parada no tempo. Pelo contrário, procura atualizar-se de acordo

com as construções históricas, sociais e culturais sem perder de vista sua concepção de homem e de mundo.

Com relação ao paradoxo da relação adolescência e mídias, no sentido de ser ora algo potencializador para a constituição de identidades mais subjetivas, posto que há uma pluralidade de possibilidades de ser na sociedade atual, ora algo homogeneizante, pela principal finalidade de atender ao mercado capitalista, há que se pensar também nas possíveis alternativas para cada situação identificada. Partindo do pressuposto de que atualmente as instituições não têm mais apresentado a mesma efetividade na substituição à lei paterna durante a adolescência, que outras possibilidades de identificação podem ter os jovens? Se hoje o ideal de consumo e beleza valorizados representam o ser jovem, em qual figura adulta o adolescente pode se espelhar que não no seu igual? A relação com as mídias pode despertar para outros modelos identificatórios, ampliando o olhar do adolescente para além do contexto micro em que está inserido. Contudo, é necessário a este adolescente um posicionamento crítico diante do que lhe é apresentado principalmente através de imagens totalizantes, que nos impendem de entrar em contato com nossas faltas e com nossos próprios desejos. Além disso, o adolescente precisa lidar não só com suas escolhas, mas com a decisão por tudo o que não escolheu ser ou ter.

REFERÊNCIAS

- ABERASTURY, A. **Adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- BLOS, P. **Adolescência**. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.
- CARNEIRO, J. R. L. Delinquência , exclusão e mídia: uma contribuição psicanalítica do estudo de adolescentes envolvidos em atos infracionais. **O Portal dos Psicólogos**, p. 1–14, 2011.
- DOLTO, F. **A causa dos adolescentes**. São Paulo: Ideias & Letras, 2004.
- ERICKSON, E. H. **Infância e Sociedade**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.
- FISCHER, R. M. B. Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade. **Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, p. 297, 1996. Porto Alegre.
- FREUD, A. **Infância Normal e Patológica**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.
- GONÇALVES, M. DA G. M. Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens. **Adolescências Construídas**. p.349, 2003. São Paulo: Cortez.
- KEHL, M. R. Imagens da violência e Violência das Imagens. **A fratria orfã: conversas sobre a juventude**. p.4, 2008.
- LEVISKY, D. L. **Adolescência: reflexões psicanalíticas**. 1ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.
- LEVISKY, D. L. A mídia - Interferências sobre o aparelho psíquico. **Revista Diagnóstico & Tratamento**, v. IV, n. 2, 1999.
- LIMA, N. L.; SANTIAGO, A. L. B. Por que os Adolescentes Escrevem Diários na Rede? A Escrita de Si no Universo Virtual. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 5, n. 1, p. 53–64, 2010.
- LIMA, N. L.; SOUZA, E. P. DE; REZENDE, A. O.; MESQUITA, A. C. R. Os adolescentes na rede : uma reflexão sobre as comunidades virtuais. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 64, n. 3, p. 2–18, 2012.
- MENDES, G. L. DE C. **O discurso da criminalização da juventude no jornal Daqui**, 2011. Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

MIGUEL, R. DE B. P.; TONELI, M. J. F. Adolescência, sexualidade e mídia: uma breve revisão da literatura nacional e internacional. **Psicologia em Estudo**, p. 285–293, 2007.

MIRANDA, T. A. **Adolescência e medida socioeducativa de liberdade assistida: uma perspectiva psicanalítica**, 2013. Universidade de Brasília.

OUTEIRAL, J. O. **Adolescer: Estudos sobre adolescência**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1994.

PALADINO, E. **O adolescente e o conflito de gerações na sociedade**. 1ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

RIZZINI, I.; PEREIRA, L.; ZAMORA, M. H.; COELHO, A. F.; WINOGRAD, B. Adolescentes brasileiros, mídia e novas tecnologias. **Alceu**, p. 41–63, 2005.

SADALA, G.; GARRITANO, E. J. Adolescência e contemporaneidade. **Comunicações de Pesquisa**, p. 340–345, 2010.

SCHWERTNER, S. F.; FISCHER, R. M. B. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. **Educação em Revista**, v. 28, n. 1, p. 395–420, 2012.

SILVEIRA, M. **Gravidez, adolescência e imprensa: O caso dos jornais NH e ABC Domingo**, 2008. Centro Universitário Feevale.

TUCHERMAN, I.; CLAIR, E. SAINT. Os meios de comunicação e o suicídio: uma breve genealogia da narrativa da própria morte. **Revista FAMECOS**, , n. 38, p. 44–50, 2009. Porto Alegre.

VITELLI, C. Adolescências e Identidades Estéticas no Cotidiano. **Educação em Revista**, p. 43–74, 2009. Belo Horizonte.

ANEXO

Planilha de Excel - Resultados "Brutos"

Base de dados	Autor	Área de atuação	Palavras-chave	Ano	Mídia em foco	Teoria	Autores ref.	Incluída	
Pepsic	Nadia Laguardia Lima	Psicologia	Adolescência, internet e psicanálise	2012	internet	Psicologia Social, Psicanálise, Filosofia e Sociologia	Lévy, Bourdieu, Giddens, Pêcheux, Orlandi, Lacan, Forbes	sim	duplicada
Pepsic	Vera Lopes Besset							não	
Capes	Marcio Sereffe	Comunicação Social	Adolescência, mídia e psicanálise	2009				não	
Capes	Potiguara Silveira	Comunicação Social	Adolescência, mídia e psicanálise	2009				não	
Capes	Conti, Bertolin e Peres		Adolescência e mídia	2010		Representações sociais		não	
Capes	Ieda Tucherman	Comunicação	Adolescente, mídia e psicanálise	2009	revista e internet	psicanálise	Foucault e Nietzsche	sim	
Capes	Maria Cristina Ferraz	Comunicação	Adolescente, mídia e psicanálise	2009				não	
Lilacs	Nadia Laguardia Lima	Psicologia	Adolescência, internet e psicanálise	2012	internet	Psicologia Social, Psicanálise, Filosofia e Sociologia	Levy, Bourdieu, Giddens, Pêcheux, Orlandi, Lacan, Forbes	sim	duplicada
Lilacs	Nadia Laguardia Lima	Psicologia	Adolescência, internet e psicanálise	2010	internet	psicanálise	Lacan, Freud, Soler	sim	
Scholar	Lillian Bento Souza	Comunicação	Adolescência, mídia e psicanálise	2009	Televisão	análise do discurso		não	
Scholar	Jose Ribamar Carneiro	Psicologia	Adolescência, mídia e psicanálise	2011	Geral (tv, internet, lojas, agências, etc)	psicanálise	Freud, Lacan, Winnicott	sim	
Scholar	Marines Silveira	Comunicação Social	Adolescência, mídia e psicanálise	2008	jornal	psicanálise	Rossi, Chaparro, Karam, Lage, Calligaris, Outeiral	sim	
Scholar	Ilene Figueiredo	Psicanálise	Adolescência, mídia e psicanálise	2013		psicanálise	Freud, Lévy,	não	
Scholar	Suzana Schwertner	Educação	Adolescência, mídia e psicanálise	2010			Foucault, Bauman, Canclini, Leccardi e Feixa	não	
Scholar	Suzana Schwertner e Rosa Fischer	Educação	Adolescência, mídia e psicanálise	2012	Geral (tv, internet, lojas, agências, etc)	psicanálise	Feixa, Leccardi, Kehl, Canclini, Carrano e Dayrell	sim	
Scholar	Juliana David	Ciências	Adolescência, mídia e psicanálise	2009				não	
Scholar	Gardene Mendes	Educação	Adolescência, mídia e psicanálise	2011	jornal	análise do discurso	Orlandi, Gregolin, Mazière, Bucci, Kehl e Ramonet, Bourdieu	sim	